

Caminhos possíveis para repensar o Ensino de Língua Portuguesa: uma entrevista com Leonor Werneck¹

Leonor Werneck dos Santos (UFRJ)

Entrevistadores:

Adriene Ferreira de Mello (UERJ)

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (UERJ/CAPES)

Elisa da Silva Santana (UERJ)

Marcelo de Carvalho Gonçalves Júnior (UERJ)

Nesta miscelânea que trata de estudos linguísticos e literários, a *Palimpsesto* – revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – tem a honra de entrevistar a ilustríssima professora Doutora Leonor Werneck dos Santos, docente Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) onde atua desde 1995. Acreditamos que a experiência e a contribuição da professora, com certeza, enriqueceram as discussões sobre o ensino e a pesquisa na área da linguagem neste número da nossa revista.

Leonor Werneck teve toda sua formação – da graduação, passando pelo mestrado e doutorado em Letras Vernáculas – pela universidade onde hoje atua como docente, a UFRJ. Atuou como professora da Educação Básica nos Ensinos Fundamental e Médio e, desde 1995, é professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ. Essas diferentes experiências na docência, junto de seus estudos teóricos, podem ser encontradas em vasta produção que cobre desde cursos e oficinas para professores de ensino fundamental e médio, além de livros e periódicos que tratam sobre o ensino de língua portuguesa; gêneros textuais; leitura e literatura infantil e juvenil.

Destacamos, por exemplo, o título *Análise e produção de textos*, que se tornou fundamental na formação de muitos professores da educação básica e da graduação, assim como a criação e a coordenação do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), que muito tem acrescentado às pesquisas da área. Sobre a presença da

¹ Agradeço à Profa. Dra. Cláudia de Souza Teixeira (IFRJ), pela leitura desta entrevista e pelas sugestões.

literatura infantil nos estudos de Leonor Werneck, cabe ressaltar sua atuação como leitora votante do prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), desde 2013. Como observado, a professora desenvolve estudos em diversas áreas, correlacionando-as, a fim de enriquecer a formação de inúmeros pesquisadores e futuros docentes, assim, contribui significativamente para o crescimento da área de linguística, língua portuguesa e da formação de leitores.

Nesta entrevista, a discussão partiu da trajetória da entrevistada como professora da Educação Básica até a atuação na formação de professores, a qual contribui diretamente para suas pesquisas na área da linguística do texto e a aplicação no ensino da língua portuguesa. Tratou-se, de forma geral, dos documentos oficiais mais recentes, como a BNCC e os novos currículos, e da importância do investimento em formação e atualização docente para o manejo com as linguagens. Mais especificamente, a entrevistada destacou o papel da literatura e dos textos literários para a formação crítica do cidadão – em diálogo com a temática da miscelânea – e defendeu explicitamente o quanto escola e universidade precisam estar unidas no objetivo de transformar o ensino da língua.

Em tempo, agradecemos a disponibilidade da professora em nos oferecer respostas que, com certeza, abrem horizontes de questionamentos e ampliam possibilidades de pesquisa na área das linguagens. Estimamos que sua trajetória acadêmica continue a render textos brilhantes, os quais realmente fazem a diferença para a educação brasileira.

PALIMPSESTO

1) Ao longo da sua trajetória como pesquisadora das ciências da linguagem, você contribuiu de diversas maneiras para os estudos linguísticos no Brasil, tendo suas principais contribuições nos estudos sobre textos midiáticos e nos estudos acerca do ensino de Língua Portuguesa. Assim sendo, poderia narrar um pouco sobre como ocorreu o seu encontro com os estudos linguísticos e literários? E como resume a sua trajetória até o presente momento?

LEONOR WERNECK

Na verdade, entrei na Faculdade de Letras da UFRJ muito mais interessada em literatura e língua estrangeira e nunca pensei que me apaixonaria por Língua Portuguesa e Linguística. Durante a graduação inteira, ficava oscilando entre congressos e monitoria de Literatura Portuguesa e de Língua Portuguesa, aproveitando cada momento para aprender línguas estrangeiras. Só defini realmente que iria para a área de Língua Portuguesa quando resolvi voltar (após a formatura, fiquei uns anos trabalhando) e fazer o Mestrado. E, mesmo assim, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, cursei disciplinas optativas de Literatura Portuguesa e Teoria Literária.

Posteriormente, já como professora de Língua Portuguesa da UFRJ, fui convidada por Luci Ruas e Rosa Gens, colegas de departamento que tinham sido minhas professoras na graduação, a ministrar uma disciplina sobre ensino de leitura na escola, na Especialização em Literatura Infantil e Juvenil. Essa abordagem do ensino de leitura decorria da minha Dissertação de Mestrado, na qual analisei duas obras juvenis e propus atividades para os anos finais do Ensino Fundamental. E esse tema do Mestrado derivava da minha experiência como professora de educação básica das redes pública e particular do Rio de Janeiro. Ou seja, minha experiência como professora de ensino fundamental e médio articulou ainda mais minha trajetória de língua e literatura – o que fui ampliando, ao longo do tempo, já como professora da UFRJ, formando futuros professores.

O contato com Rosa Cuba Riche (CAP-UERJ) também foi determinante, pois, por meio dela, pude me tornar votante do Prêmio Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Rosa e outra amiga, Claudia de Souza Teixeira (IFRJ), são coautoras comigo do livro *Análise e produção de textos*, obra na qual nós três fizemos questão de articular debates sobre língua e literatura na escola. Dessa forma, acho que é possível perceber como minha experiência docente associada aos contatos que pude fazer, nesses mais de 30 anos como professora, moldaram minha trajetória nos estudos linguísticos e literários.

PALIMPSESTO

2) Percebemos uma parte significativa da sua pesquisa voltada para formação do leitor literário, incluindo sua experiência na especialização de Literatura Infantil e Juvenil da UFRJ. Você também já comentou em artigos e capítulos de livro sobre o período em que foi professora da Educação Básica. Como essas experiências impactaram o trabalho que você vem desenvolvendo até hoje?

LEONOR WERNECK

Certamente, eu não seria a professora que sou hoje se não tivesse lecionado, em escolas públicas e particulares, em turmas de ensino fundamental e médio. Estudei em escolas públicas durante a vida toda e estagiei na escola onde fiz Ensino Médio (o Colégio Estadual Visconde de Cairu, no Méier – Zona Norte carioca). Então, quando comecei a dar aula de Língua Portuguesa em escolas de subúrbios do município do Rio de Janeiro, me identifiquei imediatamente com os alunos. Assim como muitos deles, quando eu era criança e adolescente, detestava as aulas de Português. Não havia livros na minha casa e nem sempre gostava dos livros que os professores mandavam ler para fazer prova (embora eu adorasse ler). Foram algumas experiências que tive ao longo da vida que mudaram minha maneira de me relacionar com arte, música, literatura, e que me fizeram passar a gostar de Língua Portuguesa a ponto de me formar professora da disciplina. Por isso, me propus a ser uma professora diferente, que motivasse a leitura de textos variados, fazendo os alunos perceberem que as aulas de Língua Portuguesa podem ser interessantes e desenvolverem um olhar crítico nesses adolescentes, muitas vezes negligenciados pela escola, pelo Governo e até mesmo pela família.

Ter conseguido fazer com que cerca de cem livros infantis e juvenis (nem sempre de qualidade, mas livros, enfim...) circulassem entre minhas turmas, na maioria das vezes sem avaliações formais, foi a melhor experiência que tive na minha vida, sem dúvida! Para alguns desses alunos, o livro que leram nas minhas aulas foi o primeiro com o qual tiveram contato. Essa estratégia de motivação de leitura, de debates sobre os livros – mesmo que os comentários deles fossem algo como “Detestei esse livro!” –,

mostrou que é possível formar leitores mesmo quando não há infraestrutura suficiente na escola.

Além disso, lecionar uma disciplina que a maioria dos alunos detesta – principalmente porque se perguntam “Para que preciso saber o que é adjunto adnominal?” –, foi um desafio que acredito ter conseguido enfrentar. Cometi muitos erros e aprendi com eles, mas, em uma época pré-PCN, quando não havia qualquer documento oficial que ao menos sugerisse o que devíamos fazer em sala de aula, consegui discutir variação linguística, coesão, coerência; cumpri o conteúdo programático gramatical e tinha tempo suficiente para trabalhar leitura e produção textual, incluindo momentos de reescrita. Toda essa experiência como professora de Educação Básica é determinante para entender algumas pesquisas que venho desenvolvendo, desde 1995, como professora da UFRJ.

PALIMPSESTO

3) Em suas últimas pesquisas, percebemos uma forte tendência de análise dos documentos oficiais como forma de respaldar aplicações práticas e indicações metodológicas. Poderia nos descrever os pontos positivos e algumas lacunas já observadas em documentos mais recentes, como a BNCC e os novos currículos, para o Ensino da Língua Portuguesa?

LEONOR WERNECK

Quando eu lecionava em escolas, sempre ouvia que não havia respaldo para trabalharmos de maneira diferente. Aí, vieram os PCN, as OCN, a BNCC, documentos que, embora tenhamos que ler criticamente, apresentam algumas sugestões interessantes e atualizadas – mas a prática docente nem sempre acompanhou essas ideias que sugeriam mudanças. Há pelo menos 40/50 anos, discute-se, na academia, a respeito do ensino de Língua Portuguesa; os livros didáticos vêm melhorando (embora ainda haja muitos problemas), mas a sala de aula parece lenta demais quando se trata de alterar práticas didático-pedagógicas de ensino de Língua Portuguesa. Claro que sabemos de todos os problemas que envolvem a educação, como baixos salários, péssima

infraestrutura etc., mas o fato é que os documentos chegaram e não foram necessariamente bem vistos, receberam críticas variadas – muitas delas, certamente, merecidas.

Então, como venho apontando há anos, os documentos oficiais (federais, estaduais, municipais) apresentam como pontos positivos o amálgama de teorias diversas, frequentes na academia, mas nem sempre conhecidas. Encontramos, nessas diretrizes, Sociolinguística, Linguística de Texto, Funcionalismo, Análise do Discurso, Semiótica, Estética da Recepção e outras perspectivas extremamente interessantes como embasamento teórico para os professores. Predomina a ênfase na formação do leitor crítico, que saiba usar a língua para compreender e produzir efeitos de sentido, respeitando as variações linguísticas. Ou seja, predomina o ensino de língua materna que mescla terminologia com normatividade, enfatizando como analisar e produzir textos dos mais variados gêneros, com as mais diversas intencionalidades. No dizer dos PCN e da BNCC, o objetivo é colaborar na formação do cidadão crítico.

Como lacunas – além de nem sempre esses documentos serem bem escritos e claros para um leitor menos atualizado e de apresentarem uma visão de educação questionável –, há um hiato entre as diretrizes apresentadas e a formação docente, que deveria ser constante, continuada. Por isso, é comum professores acharem que precisam fazer tudo o que, por exemplo, a BNCC propõe – o que é absolutamente impossível, devido à carga horária da disciplina, às dificuldades decorrentes de falta de infraestrutura (internet, computador, material didático etc.), às lacunas na formação docente, dentre outros motivos. É essencial, portanto, que as universidades abordem temáticas associadas à BNCC e a outros documentos do gênero durante os anos destinados às licenciaturas, não apenas uma abordagem por parte de professores da área pedagógica, mas por parte também dos colegas de Letras, articulando suas disciplinas a esses documentos e ao ensino. Também há um desconhecimento da necessidade de analisar a BNCC em conjunto com diretrizes estaduais e municipais e com projetos político-pedagógicos das escolas, para compreender que dinâmica de aplicação das diretrizes deve ser implementada na região de atuação do docente.

PALIMPSESTO

4) Uma constatação frequente em pesquisas é que a educação literária ainda tem sido relegada em documentos oficiais e materiais didáticos, que a restringem ao eixo de leitura e à memorização de características dos períodos literários nas aulas. Porém, em muitos de seus trabalhos que envolvem a questão do ensino de língua e literatura, você utiliza como arcabouço teórico pesquisadores(as) da área da Linguística, como Ingedore Koch, Hudinilson Urbano, Angela Kleiman, dentre outros. Em sua Tese, por exemplo, você fez uma análise de articuladores textuais em narrativas de literatura infantil e juvenil. Em sua perspectiva, como os estudos linguísticos podem auxiliar no ensino de literatura e na formação do leitor literário e quais são os caminhos mais produtivos para associar efetivamente os textos literários aos quatro eixos da BNCC – Leitura, Produção de Textos, Análise Linguística-Semiótica e Oralidade?

LEONOR WERNECK

Não consigo visualizar um ensino de Língua Portuguesa, em qualquer que seja o nível, sem articular os quatro eixos apontados na BNCC, abordando textos variados, literários ou não. O grande problema é que, na sala de aula, muitas vezes ainda se analisa o texto como pretexto. Em algumas atividades, parece que a proposta é criativa e produtiva, articulando os quatro eixos, mas, no fundo, o texto literário – vou me ater a ele, pois é o tema da pergunta – aparece ainda como mero exemplário de trechos a serem corrigidos (quando apresentam registro diferente da norma culta), classificados gramaticalmente ou rotulados em relação aos estilos de época. Embora muitos materiais didáticos proponham atividades atualizadas, pertinentes e bem elaboradas, ainda há também livros e apostilas com exercícios de cópia de trechos dos textos, de substituição de palavras, de classificação. Recentemente, em uma apostila utilizada em vários municípios, vi exercícios absurdos: um poema de Manuel Bandeira era transcrito na íntegra, mas a questão de múltipla escolha pedia a função sintática de um termo no título – ou seja, nem ler o poema era necessário para responder; fragmentos de romances e contos apareciam em questões que solicitavam conhecimento da obra do

autor como um todo, o que inviabilizava a resposta correta, caso o aluno não conhecesse outros textos do autor – e tornava a resposta um exercício de adivinhação.

Em parte, talvez esse descompasso na abordagem linguístico-literária se deva à separação comum, nas universidades, entre língua/linguística e literatura/teoria literária, fazendo com que pareça quase uma heresia um professor de Linguística analisar um poema, por exemplo. Tive sorte de conhecer alguns professores que não tinham esse pudor, como José Carlos Azeredo, que, ainda na graduação, nos mostrava poemas de Drummond e João Cabral de Mello Neto para discutir questões linguísticas, sem, contudo, desconsiderar a perspectiva literária. Já Antonio Carlos Secchin é um colega de literatura que sempre mostra a dimensão linguística quando analisa poemas em suas palestras – como sempre fez nas suas aulas. Não podemos deixar de citar também linguistas como Ingedore Koch, Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, que sempre fizeram questão de analisar textos literários, mesclando reflexões linguísticas a aspectos estéticos. Ou seja, é perfeitamente possível articular aspectos de oralidade, análise linguística/semiótica, leitura e produção textual a textos artístico-literários – o que, aliás, é sugerido na BNCC.

Os caminhos – no plural – passam pela formação leitora do professor, pelo conhecimento teórico e analítico de textos variados, pela percepção da necessidade de articular aspectos linguísticos e artísticos-literários. E, como sempre, passam pela atualização constante do docente, incluindo os que lecionam em universidades e formam os futuros colegas.

PALIMPSESTO

5) A proposta de seu livro *Análise e produção de textos* (Editora Contexto, 2012) é levantar discussões teóricas, mas também oferecer opções práticas de atividades para serem aplicadas em sala de aula. Considerando a grande dificuldade dos professores para fazer valer as orientações para o ensino da língua em todos os eixos, qual a relevância desse tipo de pesquisa para a formação continuada do professor?

LEONOR WERNECK

Esse livro foi publicado em 2012 e, embora não trate da BNCC, que ainda não tinha sido publicada, tem recebido muitos elogios e tem sido usado por muitos professores Brasil afora. Está esgotado, e pensamos em lançar uma reedição atualizada. A meu ver, embora na universidade possamos fazer pesquisas puramente teóricas, ou de análise de textos sem preocupação didático-pedagógica, discutir propostas de atividades e reflexões sobre ensino é extremamente importante. Não podemos pressupor que todos os professores tenham tido uma formação acadêmica que considere a relação entre teoria e prática, pois sabemos que isso nem sempre acontece. Buscar material na internet nem sempre é produtivo, pois há atividades interessantes, mas há também muitos equívocos e erros em textos teóricos e atividades que, se forem lidos sem atenção, atrapalham o professor. Além disso, muitos colegas da Educação Básica não conseguem ter tempo para se atualizarem, não sabem que podem participar de congressos como ouvintes, não conseguem comprar livros com frequência – ou seja, a formação continuada, que sabemos ser essencial, na verdade não acontece. Então, é essencial que tentemos voltar ao menos parte das nossas pesquisas para a aplicação na sala de aula.

PALIMPSESTO

6) Em artigos recentes, percebemos que você usa como *corpus* de análise muitos textos multimodais, retirados do contexto da Internet. Poderia nos dizer um pouco sobre como essas novas formas de constituição discursiva estão impactando o ensino da Língua a partir dos gêneros textuais?

LEONOR WERNECK

Estamos cada vez mais às voltas com textos multissemióticos, principalmente no contexto digital, porém é muito difícil trabalhar com eles. Nem sempre a formação docente aborda esses textos, nem sempre as próprias universidades têm acesso à internet ou professores que saibam analisar textos digitais. Além disso, até os nomes a eles

atribuídos nem sempre são consensuais: alguns são de fato textos digitais (meme, post de Instagram etc.), enquanto outros são digitalizados, ou seja, têm uma existência independente da internet. Outra dificuldade é o fato de precisarmos analisar com base em questões multissemióticas, o que depende de uma concepção teórica que dê conta disso. Para isso, é importante também considerar o conceito de multiletramentos. Portanto, quando nos dispomos a analisar multissemioticamente os textos, temos que ampliar nossa perspectiva teórica-metodológica. Talvez por isso seja tão difícil implementar a abordagem desses textos em sala de aula. Porém, é inevitável aprendermos a analisar esses textos, que circulam entre nós diariamente e inclusive costumam ser de interesse dos alunos.

PALIMPSESTO

7) Por mais que se discuta, há tempos, a importância de articulação entre os eixos de ensino, bem como os problemas relativos a cada um desses, ainda não é possível verificar uma mudança muito expressiva nos resultados da educação básica no que concerne à aprendizagem Linguística. Em sua opinião, quais são os principais fatores que levam a essa estagnação do ensino de Língua Portuguesa?

LEONOR WERNECK

Conforme já citei anteriormente, a dificuldade de mudar o ensino depende de muitos fatores, mas sempre destaco a importância da universidade na formação de professores. Há diminuição de verbas nas universidades, o que impacta na contratação de professores e na melhoria da infraestrutura. Esse problema também acontece nas escolas pelo país afora, com o agravante do baixo salário dos colegas e das péssimas condições de trabalho nas escolas. Mas, para além disso, ainda é preciso enfatizar a necessidade da formação continuada do professor, da atualização e, por que não dizer, da postura política de todos nós, professores de Língua Portuguesa, para entender que precisamos mudar a educação básica. Às vezes, ouvimos colegas discutindo que a teoria x ou y é a melhor para levar para a sala de aula, quando, na verdade, as teorias devem

dialogar na formação docente, para que o colega leve para sua sala de aula uma aplicação contextualizada e adaptada às realidades das suas turmas.

Enquanto os professores de Educação Básica ficarem à espera de uma atenção das universidades, estas culparem os colegas que atuam nas escolas e todos reclamarem das poucas iniciativas que podem ter efeito nas salas de aula – como PCN e BNCC, que, com todos os problemas, são diretrizes para nortear o trabalho dos professores –, o ensino não melhorará. É questão de divisão de responsabilidades, não de culpabilização em relação à educação.

PALIMPSESTO

8) Nos trabalhos que você vem desenvolvendo, os textos, dos mais diversos domínios discursivos, aparecem como protagonistas das aulas de Língua Portuguesa. O artigo *Referenciação e Humor no Ensino de Língua Portuguesa*, escrito em coautoria com a professora Fernanda Andrade, aborda os elementos humorísticos como instrumentos do ensino, olhando para como as estratégias de referenciação são usadas na construção desse humor. Poderia comentar como o humor, a sátira e a ironia, por exemplo, podem contribuir para o ensino mais eficaz de leitura e de produção textual?

LEONOR WERNECK

Há várias temáticas interessantes para levar para os alunos, e geralmente o humor é uma das mais eficazes. Para compreender uma ironia em uma crônica ou meme, por exemplo, é necessário acionar uma série de conhecimentos prévios (linguísticos, de mundo, intertextuais, contextuais etc.), articulados a aspectos multissemióticos. Ou seja, trata-se de uma atividade altamente complexa e, por isso mesmo, importante para formar alunos atentos na leitura e na produção de textos. Aliás, contos de suspense e terror também são interessantes e costumam agradar muito os adolescentes.

No caso do artigo que vocês citaram, mostramos como as cadeias referenciais associadas aos personagens principais constroem o humor na crônica, mas há outros recursos, como estratégias de referenciação (incluindo substantivos abstratos que atuam

como encapsuladores), pontuação, elipse de sujeito, presença de gradação, ambiguidade no uso de pronomes, recursos variados na formação de palavras etc. Como se vê, portanto, todo o conteúdo programático da disciplina pode ser combinado, em atividades variadas, na leitura e na produção de textos. Há várias sugestões de abordagens textuais em artigos meus e dos meus orientandos, que vocês podem acessar no meu site <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor> ou no site do GPLINT <https://gplint.wixsite.com/gplint> e também no nosso Instagram @gplint.oficial.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Leonor Werneck dos; ANDRADE, Fernanda. Referenciação e Humor no Ensino de Língua Portuguesa. *Interdisciplinar*, v. 31, p. 11-24, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/issue/view/803>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SANTOS, Leonor Werneck dos; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. *Análise e produção de textos*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

Leonor Werneck dos Santos: Professora Titular de Língua Portuguesa da UFRJ, onde atua desde 1995. Graduação em Português-Literaturas (UFRJ-1989), Mestrado (UFRJ-1994) e Doutorado (UFRJ-2001) em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Pós-Doutorado: em Linguística, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Roboredo Seara/Universidade Aberta-Portugal (janeiro-dezembro/2018); em Linguística, sob a supervisão da Profa. Dra. Mônica Cavalcante/UFC (abril/2013-janeiro/2014), com Bolsa Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Ex-professora de Ensino Fundamental e Médio (Colégio Pedro II, rede municipal e particular do Rio de Janeiro). Atua na graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Letras Vernáculas e é ex-professora do ProfLetras, da disciplina "Texto e ensino". Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística de Texto, gêneros textuais, referenciação, articulação textual, literatura infantil e juvenil e ensino de leitura. Presidente da Assel-Rio, no biênio 2008-2009. Membro do Júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), desde 2012.

Membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT – Instagram: @gplint.ufrj). E-mail: leonorwerneck@letras.ufrj.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8415-3535>.

Adriene Ferreira de Mello: Doutoranda e Mestra em Língua Portuguesa pela UERJ. Licenciada em Letras pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UniFSJ). Professora, em caráter efetivo, de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Pirapetinga-MG. E-mail: adriene.mello@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9373-7009>.

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes: Doutorando em Letras-Língua Portuguesa (UERJ), com bolsa CAPES; Mestre em Letras-Língua Portuguesa (UERJ); Licenciado em Letras: Português-Literaturas (UFRRJ); membro dos grupos de pesquisas Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (ELMEP/CNPq), Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas (CNPq) e Laboratório de Pesquisa em Língua e Discurso (LINDIS/CNPq) e compõe, desde maio de 2023, o corpo de editores do periódico Palimpsesto - Revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. E-mail: thiagodossantos16@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7921-4631>.

Elisa da Silva Santana: Mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada. Pesquisa circulação literária de autores da literatura infantil no Brasil. Formada em Letras e especialista em Literatura Infantil (ambas pela UFRJ), e se especializando em Edição e Gestão Editorial (NESPE). Faz parte dos grupos Mulheres na Formação de Leitores (UFRJ) e EnLIJ (UERJ). E-mail: elisasanoli@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7396-6846>.

Marcelo de Carvalho Gonçalves Júnior: Doutorando em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É mestre em Literaturas de Língua Inglesa e bacharel em Letras (Inglês/Literaturas) pela UERJ. Pesquisa

principalmente a poesia em língua inglesa do século XX, com destaque para a obra da poeta estadunidense Elizabeth Bishop. Além de pesquisador, é também tradutor e poeta.

E-mail: marcelodecarvalho@live.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5320-4727>.